

Fipe: inflação baixa só com desemprego alto

Segundo instituto, Governo terá que escolher entre controlar os preços e segurar o consumo interno

Sueli Campo

Da Agência O GLOBO

• SÃO PAULO. Para manter a inflação anual na casa de um dígito será preciso fechar os olhos para o crescimento do desemprego. Esse é o dilema que o Governo terá de administrar, segundo o presidente da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), Juarez Rizzieri.

— Para evitar a orgia inflacionária é preciso segurar o consumo interno e deixar que a demanda externa leve a economia — afirma ele, referindo-se ao efeito positivo da desvalorização nas contas externas do país.

A Fipe prevê uma inflação entre 6% e 7% este ano, se a desvalorização do real se estabilizar em 25%. Segundo o presidente da Fi-

pe, a inflação alta tem um custo maior para a sociedade porque atinge a todos, indiscriminadamente. Já o desemprego, acrescenta, afeta uma fração da sociedade, embora seja um foco de grande tensão. A retração da atividade econômica é a maneira de evitar a volta da indexação de preços e salários, diz Rizzieri.

Expectativas favoráveis podem afastar risco de mais inflação

Ele destaca que não se pode ignorar o efeito das expectativas. Se os agentes econômicos acreditarem no avanço do ajuste fiscal, no corte de gastos públicos e na melhora das contas externas, o risco de descontrole inflacionário fica afastado. O impacto nos preços será imediato, mas o reajuste ocorre de uma tacada só e depois

desaparece, explica Rizzieri. Contudo, caso as expectativas sejam negativas, o futuro do real estará comprometido, pois trará de volta a memória inflacionária e com ela a indexação de contratos e salários a índices de preços ou à moeda americana.

Assim, se tudo correr bem e a inflação ficar entre 6% e 7% este ano, ainda dá para preservar, por exemplo, o ganho salário do Plano Real para cá, que foi em média de 18%. Os assalariados conseguiriam manter ganho de 10% a 12%, afirma ele.

O retorno da inflação, para Rizzieri, seria a solução mais fácil para o Governo, que voltaria a se financiar, mas para a população significaria redução salarial e de poder de compra.

Os setores da economia mais

suscetíveis ao aumento de preços por causa da desvalorização cambial são remédios, combustíveis, trigo, vestuário e fertilizantes agrícolas. No caso de vestuário, o reajuste de preços pode não acontecer por se tratar de um setor onde a atividade informal é grande. A desvalorização não terá impacto sobre aluguel, educação e serviços em geral, segundo a Fipe.

Impacto sobre custo de vida só será sentido em fevereiro

Para este mês, a Fipe estima uma inflação na cidade de São Paulo um pouco acima de 0,5%. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou um movimento de alta entre a primeira e a segunda quadrissemana do mês. O IPC ficou em 0,27% na segunda qua-

drissemana, contra 0,10% na primeira. A previsão de aumento do custo de vida em janeiro ainda não reflete o impacto da desvalorização do real, que só deverá aparecer na taxa da Fipe a partir de fevereiro, segundo Rizzieri.

Isto porque a reposição de produtos pelo comércio está paralisada até que seja alcançado o ponto de equilíbrio da taxa de câmbio.

O que vem puxando o IPC são os grupos transporte e alimentação, que subiram 1,55% e 0,42%, respectivamente, na segunda quadrissemana do mês. O feijão teve alta de 5,69%. As carnes encareceram cerca de 2%. Os produtos in natura registram quedas menores de preços: 1,5% na primeira quadrissemana e 0,27% na segunda. ■